

OSSOS GELADOS

Maria Lúcia

É como se eu carregasse um frio tão grande, semelhante a cubos de gelo que me fragmentam e aprisionam num imenso iceberg antártico.

Um frio como aquele que sopra na esquina da Dr. Bozano com a Niderauer numa das noites mais frias que a velha Santa Maria da Boca do Monte já pôde agüentar. Um frio tão vento, um vento tão frio que tornam meus ossos gelados.

A noite vem, o silêncio reina, os corpos adormecem e descansam menos o meu. Embora seja corriqueira a minha cabeça quente e separada do meu corpo antônimo, quero entender, significar a insônia e este gelo que me percorre e mantém em vigília intensa e sem um pregar de olhos.

Todos os sons que me cercam são perceptíveis a minha audição diurna tão prejudicada. O dia, as alegrias, os débitos, créditos, sonhos, amores, perdas, raivas, saudades, sabores e dissabores bailam em cores fortes para uma noite tão escura e um frio que me tira a possibilidade de aquecer e dormir. Desejo que melhores emoções habitem meu pensamento fértil e capaz de criar coisas inenarráveis, retirando relíquias e misérias inconfessáveis ao meu consciente tão em busca do inconsciente que habita em mim.

Escrevo no escuro, aproveito a fraca luminosidade da tela do computador, se acender a luz tudo será visível ao meu olho invisível e indiscreto.

Talvez compreenda meus ossos gelados e traga à tona meu amor sem utilidade, a minha pele macia, a minha intensa luz, meus desejos inconfessáveis, a nitidez da minha fragilidade, a minha alma tão só que não descansa de tanto medo de ficar muito e mais sozinha.

No escuro da noite, no silêncio das bocas, na imobilidade dos corpos que dormem, sinto o gelo dos meus ossos e a solidão da minha alma inquieta e desejante de encontro, de toque, de afeto, carinho, prazer e alegria.

O dia desponta, da minha janela um leve raio de luz, aos meus olhos a claridade do dia, na

minha alma o engano da vigília permitida, dos encontros superficiais e insuficientes ao meu ser que se esfria diante de um mundo ainda mais frio.

Espero então o astro rei que radiante desponta em mais um dia em que trabalho com sono, disfarçando minhas profundas olheiras, minha pele cansada, minha beleza prejudicada.

E declaro então mais uma vez, que sou movida a sol, que sou do dia e que ninguém me pergunte o que fiz ontem à noite para eu poder esquecer por algumas horas a tortura da insônia, os meus ossos gelados e a minha incessante solidão.

Abro a gaveta, visto um pijama de pelúcia como aquele que vestia quando criança, me enfio inteira no meu velho par de meias de lã e adormeço aliviada pela ilusão de que não sou o único ser humano acordado na face da terra.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/ossos-gelados>